



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA



FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
ESPECIALIZAÇÃO EM ASSISTÊNCIA TÉCNICA PARA HABITAÇÃO E DIREITO À
CIDADE
RESIDÊNCIA PROFISSIONAL EM ARQUITETURA, URBANISMO E ENGENHARIA

**Semeando o desenvolvimento social, econômico e ambiental:
mediação e mobilização para a inclusão produtiva de
mulheres da Ocupação Quilombo Manoel Faustino (MSTB)**

Flávia Mara Henriques Gomes, Geógrafa - Profissional Residente

Thais Troncon Rosa, Arquiteta e Urbanista- Tutora

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Assistência Técnica. Habitação e Direito à Cidade, como requisito de conclusão do curso, para obtenção do título de especialista e implantação do projeto experimental de Residência Profissional em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da Universidade Federal da Bahia, integrado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura, com apoio da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia.

SALVADOR/BA

Dezembro de 2018

CRÉDITOS DA ELABORAÇÃO DA PROPOSTA

Autoria:

Flávia Mara Henriques Gomes, Geógrafa - Profissional Residente

Prof. Dra. Thais Troncon Rosa, Arquiteta e Urbanista- Tutora

Colaboração:

Membros da Equipe de Assistência Técnica ao Quilombo Manoel Faustino:

Aleida Batistoti, Arquiteta e Urbanista

Carolina Costa, Arquiteta e Urbanista

Apoio:

Santa, Agricultora do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)

Tony José Cruz Vila Nova, Geógrafo

Marcelo Alexandrino, Biólogo

Jéssica Augusta Veloso, Chef de cozinha e Estudante de gastronomia

SESSÃO DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO FINAL DE ASSISTENCIA TÉCNICA:

Data: 09 de novembro de 2018

Local: Casa de Extensão da Faculdade de Arquitetura da UFBA

Residente: Flávia Mara Henriques Gomes

Título: Semeando o desenvolvimento social, econômico e ambiental: mediação e mobilização para a inclusão produtiva de mulheres da Ocupação Quilombo Manuel Faustino (MSTB)

Membros da Banca:

Tutora: Arqt^a. Prof^a. Dra. Thais Troncon Rosa

Membro Interno: Arqt^a. Prof^a. Dra. Paula Adelaide Mattos Santos Moreira

Membro Externo: Arqt^a. Doutoranda Clara Pássaro Gonçalves Martins

Representantes da Comunidade: Aloisa Santos Nascimento (Loló), Gleice da Costa Bachelor Aquino, Bernardino Moreira dos Santos (Psirico), Seu Raimundo

Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo.

Angela Davis em palestra na UFBA

RESUMO

A presente monografia apresenta esforços em assessoria técnica realizada na Ocupação Quilombo Manuel Faustino, do Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB), localizada no Subúrbio Ferroviário da cidade, à margem da APA Bacia do Cobre/São Bartolomeu, em Salvador (BA). Em um contexto de extrema vulnerabilidade socioeconômica foi realizado um trabalho com as mulheres, negras em sua grande maioria, para possibilidades produtivas no território. A partir de fundamentos da educação popular, foram realizados oficinas e mutirão, abordando temas sociais e políticos, para potencializar reflexões e iniciar trabalho de produção coletiva entre mulheres moradoras da Ocupação. O foco em transformações ambientais, sociais e econômicas foi base das atividades.

Palavras-chave: mulheres; social; econômico; ambiental.

ABSTRACT

This monograph presents technical advisory work carried out in the Occupation Quilombo Manuel Faustino, of the Homelessness Movement of Bahia (MSTB), located in the Suburban Railway, on the fringes of the APA Bacia do Vobre/São Bartolomeu, in Salvador (BA). In a context of extreme socio-economic vulnerability, the work was carried out with women, black women in huge majority, on productive possibilities in the territory. From the foundations of popular education, workshops and collective action were carried out, addressing social and political issues, to stimulate reflections and to initiate collective production work among the women residents of the Occupation. The focus on environmental, social and economic transformations was the basis of activities.

Key words: women; social; economic; environmental.

SUMÁRIO

1. Área e comunidade	
1.1 Nome do bairro e localidade.....	07
1.2 Nome e função da principal liderança para contato.....	08
2 A Ocupação Quilombo Manuel Faustino	
2.1 Descrição da área, problemática e justificativa da proposta coletiva de assistência técnica.....	08
2.2 Razões pelas quais a entidade ou proponente(s) apontaram a problemática a ser tratada.....	14
2.3 Diagnósticos e resultados preliminares e contexto para delimitação da proposta.....	15
3 Pesquisas, oficinas, metodologias definidas na proposta coletiva de assistência técnica	
3.1 Oficina I - O que acontece X O que queremos que aconteça?.....	16
3.2 Oficina II – Mapeamento.....	18
3.3 Oficina III - Criação de Frentes de Trabalho.....	22
3.4 Transição para a proposta individual.....	23
4 Projetos específicos, abordagem conceitual e indicação dos diagnósticos complementos, etapas desenvolvidas e oficinas específicas do projeto individual, para implantação efetiva	
4.1 O objetivo geral.....	26
4.2 Os objetivos específicos.....	26
4.3 Justificativa do projeto.....	26
4.4 Oficina 1: Possibilidades de Produção e Geração de Renda.....	26
4.5 Oficina 2: Produção coletiva, autonomia e agroecologia – convidada do MST.....	36
4.6 Oficina 3: Roda de Conversa - Direito à Cidade, Mulheres Negras, Movimentos Sociais, Meio Ambiente e Cozinha.....	41
4.7 Oficina 4: Apresentação do Projeto da Cozinha + Diálogos e Definições sobre a Horta.....	45
4.8 Oficina 5: Mutirão da Horta.....	48
4.9 Oficina 6: Cineclube + Avaliação.....	52
5 Viabilidade institucional, econômica e financeira	
5.1 Possibilidades de parcerias governamentais, institucionais e privadas.....	56
5.2 Espaços de Autonomia.....	56
6 Cronograma previsto	
6.1 Previsão de prazos por atividades.....	65
7 Referencias bibliográficas.....	66

1. Área e comunidade

1.1. Nome do bairro e localidade

A Ocupação Quilombo Manuel Faustino pertencente ao Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB) e foi fundada em fevereiro de 2016. Possui uma área com cerca de 11.000 m². Localiza-se no Subúrbio Ferroviário de Salvador, entre a margem da BA-528 – Estrada do Derba e a margem da Área de Preservação Ambiental (APA) Bacia do Cobre/São Bartolomeu, no bairro de Periperi.

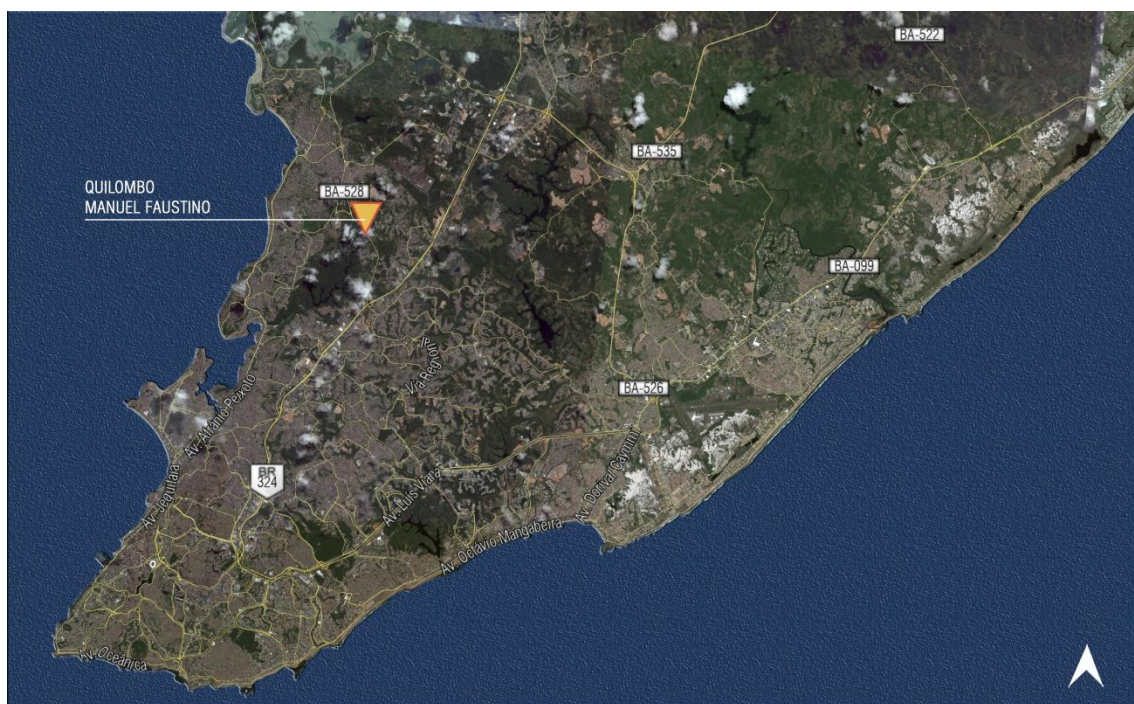


Figura 1: Mapa de Localização do Quilombo Manuel Faustino



Figura 2: Mapa de Localização do Quilombo Manuel Faustino - aproximado

1.2 Nome e função da principal liderança para contato

Aloisia Santos Nascimento, Loló.

Liderança do Quilombo Manuel Faustino do Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB)

2. A Ocupação Quilombo Manuel Faustino

2.1. Descrição da área, problemática e justificativa da proposta coletiva de assistência técnica

A concentração de riqueza e expansão da pobreza se expressa na dinâmica urbana da cidade de Salvador, desta forma Luiz Miranda (2008), mestre em Ciências Sociais pela UFBA e estudioso de movimentos sociais de luta pela moradia, afirma

“Salvador apresenta na sua formação urbana as condições que vão se expressar na construção de habitações subnormais e ocupações, sem infra-estrutura necessária e condições dignas de reprodução da força de trabalho. Dessa forma, um fenômeno que vai marcar a cidade é o surgimento das ocupações”. (MIRANDA, 2008, pág. 57)

De forma simplista, podemos afirmar que é nesse contexto que surge a ocupação Quilombo Manoel Faustino, fundada em fevereiro de 2016 e pertencente ao Movimento Social Sem Teto da Bahia¹ (MSTB). Ou seja, o Quilombo, neste caso, não se trata de uma Comunidade Remanescente de Quilombo, como trata o Art. 68 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, mas enquanto categoria política. Igualmente, acontece com o nome de Manoel Faustino, enquanto reverência simbólica e política ao alfaiate negro, filho de escravizada liberta e um dos líderes da Revolta dos Búzios, ocorrida no final do século XVIII na cidade de Salvador. (CARTACAPITAL, 2009). Atualmente há cerca de 50 lotes construídos e cerca de 35 famílias mantêm uma relação direta de vínculo com a Ocupação e manutenção de suas habitações.

A Ocupação não tem acesso à água encanada, saneamento básico, alimentação adequada, segurança, mobilidade, habitação digna, entre outros. Ainda, os serviços utilizados por moradores/as são distantes e foi recorrente a queixa sobre a falta de emprego e/ou geração de renda. Provavelmente por esses motivos, há uma evasão de vários moradores, ocasionando um fluxo constante de entrada e saída de famílias do local, além dos que mantêm suas residências, mas raramente aparecem, fatos que geram diversos conflitos internos.

O Quilombo Manoel Faustino carece bastante de infraestrutura, sem habitação digna, as mesmas são de madeirite, lona e materiais reciclados, não tem acesso à água encanada, saneamento básico, as “fossas” são buracos dentro das casas, em alguns casos

¹ ¹ “Em 02 de julho de 2003, cerca de cem pessoas ocupam um terreno no km 12 da estrada velha do aeroporto, sendo em sua maioria mães a procura de moradia para as suas famílias. Esta característica deu nome a ocupação, a qual ficou conhecida como: "mães e mulheres de Vila Verde", e em menos de duas semanas, a ocupação já agregava cerca de 700 pessoas. Funcionários da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER) aparecem no local e proclamam para as pessoas que as que saíssem pacificamente do local ganhariam uma casa. Das 700 pessoas ali presente, apenas 150 resolveram ficar. O MSTB surge neste momento, em julho de 2003, em Salvador, em decorrência de uma necessidade prática de defender a ocupação surgida no km 12 da Estrada Velha do Aeroporto de uma reintegração de posse. A realidade fática demandou o surgimento de uma organização para uma melhor defesa contra as reações adversas.” Fonte: <http://www.arcos.org.br/artigos/aceso-a-justica-a-experiencia-do-movimento-dos-sem-teto-da-bahia/4-o-movimento-dos-sem-tetos-da-bahia-mstb>

se faz o uso de balde ou até mesmo do “balão”, não há alimentação adequada, segurança, mobilidade, entre outros.

A comunidade resiste arduamente na luta pela moradia. Não apenas a moradia, pois como traz o Instituto Polis (2012, p.16) “O direito à moradia não se limita a uma casa, ou seja, moradia não é só casa.” A luta vai além da unidade habitacional, mas sim o direito a educação, a saúde, acesso aos serviços e infraestrutura adequadas, melhores condições de trabalho, elementos esses, indispensáveis para o desenvolvimento de populações submetidas à precariedade urbana.

Como traz Erminia Maricato sobre as periferias metropolitanas:

Nas periferias metropolitanas, raramente há bons equipamentos de saúde, abastecimento, educação, cultura, esporte etc, e como o transporte é ruim e caro, os moradores, em especial os jovens, vivem o destino do “exílio na periferia”. Nunca é demais lembrar que pobreza e imobilidade é receita para violência. (MARICATO, 2015, p. 45)

Uma das problemáticas encontrada no primeiro contato com a comunidade foi a desmobilização e desunião entre os moradores, os mesmos colocaram que a comunidade está parada, sem atividade, sem ações, e com conflitos internos, inclusive por questões de gênero. Através de metodologias participativas o grupo irá trabalhar essas questões, com o objetivo de fortalecer os laços entre eles e construir um laço entre nós e a comunidade, para que juntos possamos construir um projeto de assistência técnica real e que sirva de instrumento de luta para a comunidade.

O estudo de (Araujo e Ancântra, 2017) trata sobre a reprodução das ruralidades dentro das ocupações do MSTB, eles afirmam que muitas famílias do Quilombo Manoel Faustino vieram do campo, e isso reflete nas ações e comportamentos dos moradores, onde eles reproduzem hábitos comuns do meio rural dentro da ocupação.

O autor David Harvey traz que [...] “movimentos sociais urbanos tentando superar o isolamento e remodelar a cidade segundo uma imagem diferente daquela apresentada pelas incorporadoras imobiliárias, apoiadas pelos financistas e as grandes corporações”. (2013, p. 107) Tal colocação pode ser relacionada ao trabalho desempenhado pelo MSTB junto as ocupações, onde eles ressignificam os espaços que

ocupam e a cidade onde estão, na tentativa de combater a desigualdade presente na cidade e ocupando localidades como forma de garantir a função social aplicada a ela.

A maioria das mulheres do Quilombo Manoel Faustino possui pouca ou nenhuma fonte de renda própria, inclusive pelo fato de não poderem deixar o local por conta da criação dos filhos. Muitas passam o dia na ocupação, sem realizar atividades que beneficiem a si mesmas diretamente. Elas acabam por ficarem alocadas em uma dinâmica que toda sua subjetividade e anseios pessoais são sistematicamente ignorados.

As mulheres quase sempre sentem que o tempo não é seu, está todo ocupado com tarefas e obrigações que vão se encadeando umas às outras. A maior parte dessas tarefas tem a ver com cuidar das outras pessoas: cuidando da casa, da alimentação, da limpeza, das crianças, de pessoas doentes ou idosas. As mulheres muitas vezes também cuidam das relações entre as pessoas, nas famílias, entre vizinhos e comunidades. (Sempre Viva Organização Feminista – SOF, 2006, Pág. 53)

Assim, além de ponderarmos a extrema importância da geração de renda focando numa autonomia econômica, consideramos igualmente a organização de base comunitária, a valorização da cultura local, a ocupação do tempo de maneira criativa e produtiva, afetando sua autoestima e autoconfiança, as relações de afeto, as trocas e o fortalecimento do vínculo entre mulheres. Ainda, não podemos deixar de ponderar que assim as mulheres criam maiores subsídios materiais e imateriais para romperem com possíveis situações de violência doméstica, controle, ou ‘apenas’ a subnegação de suas potencialidades. Logo, pensamos em trabalhar com o beneficiamento das frutas locais, visto que são diversas e abundantes, seja pela produção de geleias, frutas cristalizadas ou frutas desidratadas, produtos pensados a priori.

O Alimento, em seu modo de ser produzido, as espécies cultivadas, a relação com as plantas e frutos, o respeito ao meio ambiente, o fazer coletivo, a culinária, a religiosidade, entre outros elementos, são um conjunto de significados identitários, sociais, políticos e culturais que estão diretamente relacionados à resistência e manutenção da vida nas comunidades. Assim, foi almejado, ao longo do processo, o diálogo entre os projetos da Equipe RAU+E: desenvolvimento socioeconômico das mulheres, interação ambiental e projeto de arquitetura de cozinha comunitária.

Assim, desde dezembro de 2017, três pós-graduandas da Residência em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia (RAU+E) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) acompanham essa Ocupação: eu, geógrafa, e mais duas arquitetas e urbanistas. A RAU+E é uma especialização embasada na lei nº 11.888/2008 que tem como objetivo assegurar assistência técnica, pública e gratuita, para famílias de baixa renda com até 3 salários mínimos, residentes em área urbana ou rural, projetos e construções de habitação de interesse social. Resgatando a função social do Arquiteto Urbanista e proporcionando para o indivíduo e/ou comunidade o acesso de profissionais especializados no cumprimento do direito à moradia previsto no artº 6 da Constituição Federal de 1988.

A Residência AU+E/UFBA tem como perspectiva a elaboração participativa de projetos inovadores para comunidades demandantes, visando ampliar o acesso a recursos públicos na promoção de melhor qualidade de moradia e inserção social. Para isso, além do curso, a RAU+E abrange trabalho de campo para assistência técnica e elaboração de projetos, por meio de oficinas participativas, pesquisas, planejamento, e outras atividades correlatas.

Pelo caráter pluridisciplinar da RAU+E o meu papel enquanto geógrafa se encaixa na proposta. O presente ensaio aborda o desenvolvimento do trabalho realizado individualmente, porém sempre - e necessariamente - dialogando com os trabalhos realizados pelas arquitetas e urbanistas da Equipe. Cito trecho de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, escritora, poeta e catadora que muito me inspirou durante o trabalho realizado na Ocupação:

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha.

(Carolina Maria de Jesus, 21 de Maio de 1958, pág. 40)

2.2 Razões pelas quais a entidade ou proponente(s) apontaram a problemática a ser tratada

No encontro de apresentação das demandas das Comunidades no ano de 2017 na UFBA, para exporem a realidade e necessidades de suas áreas, eu fiquei extremamente tocada com a fala e a pessoa de Aloisia Santos Nascimento, a Loló, liderança política no Quilombo Manoel Faustino. Ela expos a situação precária das residências, a falta de recursos para melhorar minimamente as habitações - visto que as madeirites apodrecem rápido principalmente durante as chuvas, afetando muitas vezes a saúde das crianças, a segurança, entre outros - a possível falta de perspectiva de algumas pessoas, a garra e protagonismo das mulheres, etc. Naquele momento eu já fiquei extremamente interessada em atuar na Ocupação. Após a visita no território, eu tive certeza que era lá que eu gostaria de trabalhar. Como o encontro foi muito breve e não tínhamos maiores informações sobre o Quilombo, era difícil ter sólidas propostas, e impossíveis que elas fossem de fato horizontais. Sendo a vulnerabilidade socioeconômica algo narrado e visível durante a visita, como também a presença majoritária de mulheres (além de várias crianças), aliado à uma fartura de árvores frutíferas na região, propus inicialmente um projeto de geração de renda para as mulheres a partir do uso, ou beneficiamento, dessas frutas. Não sabia ao certo o real interesse e possibilidade, apenas vi um recurso abundante em um contexto de escassez e achei que poderia ser interessante, por mais desafiador que fosse para mim mesma. As mulheres da comunidade são organizadas através de grupos de mulheres² onde pautam sobre gênero, empoderamento, atuação da mulher, enfrentamento da violência doméstica, geração de renda, entre outros temas relacionados. Achei que as propostas e trabalhos poderiam ser mutuamente incentivados.

A partir de dezembro de 2017 a Equipe RAU+E tentou maior aproximação com os moradores do Quilombo Manoel Faustino. Entre a referida data e fevereiro de 2018, fizemos algumas tentativas, participamos de atividades concernentes a outros grupos. Em uma atividade do curso de Medicina da UFBA, onde foi discutido gênero e violência doméstica. Ficou mais enfatizada a problemática das mulheres na Ocupação, logo, paralelamente o meu interesse de trabalho com elas só aumentava, aliado à minha

² Guerreiras Sem Teto, no qual organizam encontros regulares com mulheres do Movimento

experiência de anos anteriores enquanto Promotora Legal Popular (PLP) atuante em periferias do Distrito Federal. Assim, algumas dessas entradas na Comunidade foram positivas e produtivas, em outros momentos os moradores compareciam.

Percebemos a dificuldade de acessá-los, observando inicialmente alguns conflitos internos e dificuldade de participação das pessoas no que propúnhamos. Como em algumas atividades propostas não obtivemos sucesso, no mês de março os trabalhos foram efetivamente iniciados pela Equipe RAU+E com aplicação de questionários intitulados “Cadastros” nas residências.

2.3 Diagnósticos e resultados preliminares e contexto para delimitação da proposta

Elaboramos um questionário com dados cadastrais do próprio MSTB como também perguntas abertas que nos interessavam para pensar a viabilidade dos nossos projetos ou outras possibilidades. Esse Cadastro também foi uma estratégia de aproximação, a fim de conhecer os moradores, suas duas dinâmicas, demandas e realidades. Através dele nos apresentamos mais diretamente à comunidade, pessoalmente em cada casa, tivemos um contato mais próximo e ouvimos narrativas a respeito das nossas propostas iniciais sugeridas enquanto profissionais-residentes. Os Cadastros foram aplicados através de entrevistas semiestruturadas e geram dados com informações sociais, econômicas, questões de infra-estrutura, etc. de cada família como também do território. Também obtivemos informações de campos mais subjetivos, que foi possível pela aproximação mais intimista e pessoal, inclusive em conversas informais, até mesmo depois de finalizada a aplicação do questionário.

Os cadastros foram realizados nas residências dos moradores, assim fizemos 26 entrevistas, com 24 famílias, onde foram 66 pessoas cadastradas - 41 adultos e 25 crianças. Das pessoas entrevistadas 65% eram mulheres e 35% homens. Como resultados obtidos nos cadastros, identificamos uma comunidade que se autodeclara negra (somatório de pretos e pardos), onde a maioria dos moradores são mulheres, muitas estão desempregadas e/ou em trabalhos informais e vivendo em situação precária e em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Muitas mulheres, a maioria já

nascidas em Salvador (BA), tinham experiência profissional e pessoal com cozinha, interesse em uma horta no local e ainda, muitos trabalhavam como vendedores, no comércio informal.

Nos primeiros contatos houve diversas sugestões de pautas para possíveis projetos, tais como: lazer para as crianças, criação de horta comunitária, limpeza dos matos, saneamento básico, mapeamento da comunidade (reconhecimento das casas - ocupadas ou não-, iluminação, cultura local, etc.), mobilidade, infraestrutura, reforma da Sede, formação profissional, entre outros. Após já constatada uma desunião entre os moradores e sistematizarmos os dados gerados pelo Cadastro, executamos três oficinas coletivas (equipe RAU+E).

3. Oficinas e metodologias definidas na proposta coletiva de assistência técnica

3.1 Oficina I - O que acontece X O que queremos que aconteça?

A Oficina I ocorreu no intuito maior de agregar os moradores em roda e que suas opiniões fossem compartilhadas entre todos nós. Antes da Oficina oferecemos um café da manhã, inclusive enquanto proposta de socialização entre eles.

Na Oficina I: O que acontece X O que queremos que aconteça?, os moradores puderam expor, compartilhar e discordar entre si questões atuais e passadas, e principalmente foi instigada a vontade e possibilidade de transformação dos aspectos negativos. A Oficina I serviu como primeiro diagnóstico coletivo, de fatores positivos e negativos, além de interação entre os/as moradores/as. Foram expostas problemáticas passadas e presentes, assim como desejos de transformação social. Foi uma oficina leve, sem grandes resultados práticos, mas já foi possível detectar conflitos, desejos, presenças, entender melhor o histórico, etc. Foi ressaltado ainda o forte vínculo com o meio físico, visto que estão as margens de uma Área de Preservação Ambiental (APA).

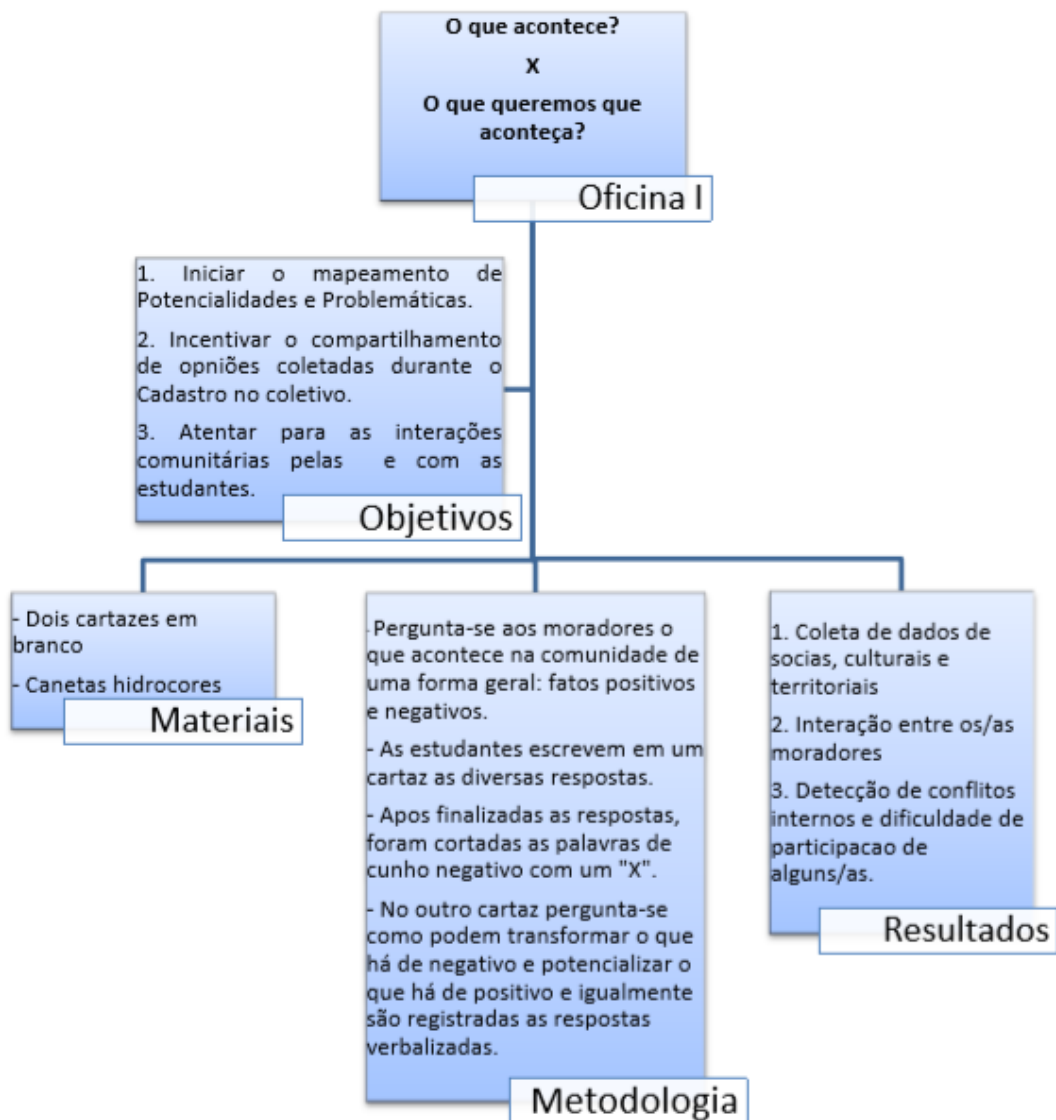


Figura 5: Objetivos, Materiais, Metodologia e Resultados da Oficina Coletiva I

3.2 Oficina II - Mapeamento

A partir da sistematização desses dados, foi planejada a. Em seguida, na Oficina II: Mapeamento, onde foi utilizada uma imagem de satélite e ícones para que os moradores pudessem representar espacialmente algumas informações coletadas nos processos anteriores, assim como acrescentar novos e mais detalhados dados, e até mesmo podermos diagnosticar possíveis contradições ou diferenças de opiniões. Por exemplo, na representação dos ícones na imagem, foi revelado que apesar de gostarem da presença da mata da APA, também a enxergam como algo perigoso, ou mesmo uma

ameaça. Seja pelos animais peçonhentos, como cobras e aranhas, seja pela insegurança das crianças adentrarem na mata e se machucarem, ou mesmo por questão de segurança com algum possível agente externo. As/os Candomblecistas da Ocupação são quem mantém uma reação mais direta com a APA no âmbito afetivo, cultural, material e espiritual. Os/as moradores que não se adaptam aos conjuntos habitacionais populares, e tem maior relação com plantio e uso de áreas verdes, também exaltam e valorizam a mata adjacente. Assim, foi quando começamos a perceber as diferenças socioculturais presentes entre os moradores.

Um dos intuitos dessa atividade também foi tentamos identificar os lotes vazios ou que os moradores pouco aparecem, visto que essa era uma fala recorrente e era visível que afetava a dinâmica da comunidade – logo, também seria nos nossos trabalhos. Mas as informações não foram muito exatas e os constrangimentos, perceptíveis. Alguns moradores, obviamente, se protegiam, outros se olhavam e se comunicavam com olhares de desagrado pelas informações ditas por alguns. Enfim, apontar alguém do seu território a ponto de ameaçar sua moradia (mesmo que não seja regular) certamente foi uma pretensão muito grande por parte das acadêmicas recém-iniciadas nos trabalhos. Essa é uma informação muito inexata até hoje, o que diz muito sobre a dificuldade do andamento dos nossos trabalhos também, pela variância na presença e participação dos moradores. Assim, conseguimos ter um panorama mais próximo à realidade, mais isso só foi possível pela vivência na Ocupação.



Figura 6: Oficina Coletiva II

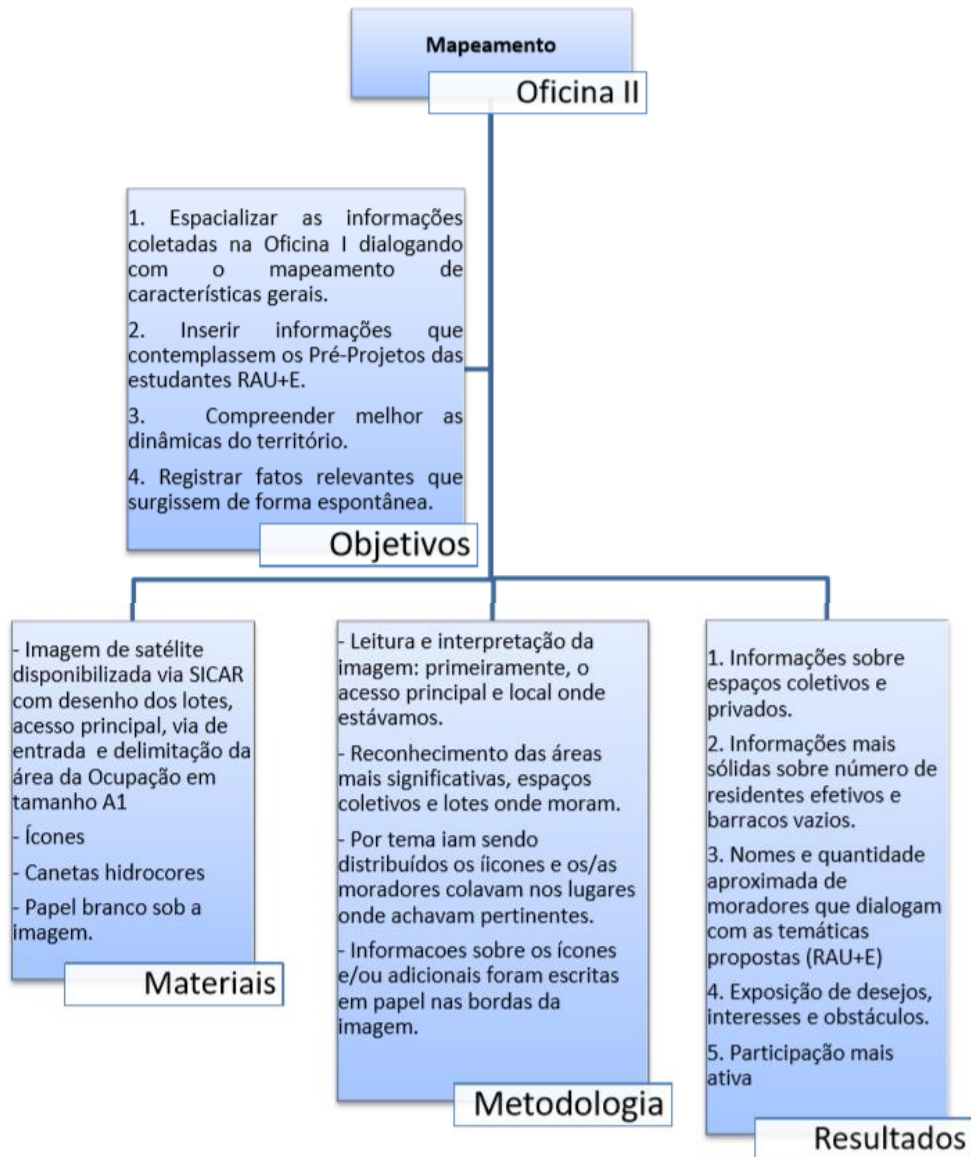


Figura 9: Objetivos, Materiais, Metodologia e Resultados da Oficina Coletiva II



Figura 10: Oficina Coletiva II

3.3 Oficina III – Criação de Frentes de Trabalho

Sistematizados os dados dos Cadastros em conjunto com os gerados nas Oficinas I e II, planejamos a Oficina III: Criação de Frentes de Trabalho, que foi a última da fase intitulada pela RAU+E como “Diagnóstico”. A Oficina se deu no intuito das profissionais-residentes organizarem suas propostas de projetos junto aos moradores e suas demandas, a partir de possíveis Frentes de Trabalho. Palavras ditas frequentemente nas atividades anteriores – e que também dialogavam diretamente com projetos individuais - foram escritas em cartazes. A fim de ver possibilidades de concretizar os projetos (a partir de conhecimentos e interesses locais), abaixo das palavras “Cozinha” (no que se referenciava à culinária), “Artesanato”, “Cultura”, “Comércio” e “Sede”, se colavam tarjetas com os nomes dos/as interessadas/as e se/se como poderiam contribuir com alguma atividade que já realizavam em cada Frente. Ainda, havia um cartaz, a título ilustrativo, com as árvores frutíferas mapeadas no território durante a Oficina II. Neste momento as demandas por alguma forma de geração de renda, a partir da culinária ou do artesanato foram pungentes e estava designada enquanto uma interessada Frente de Trabalho, os nomes que constavam nos cartazes eram de mulheres. Foi acordado que retomariamos os trabalhos na Ocupação após a discussão e avaliação deste Diagnóstico na RAU+E.



Figura 11: Oficina Coletiva III



Figura 12: Oficina Coletiva III



Figura 13: Oficina Coletiva III

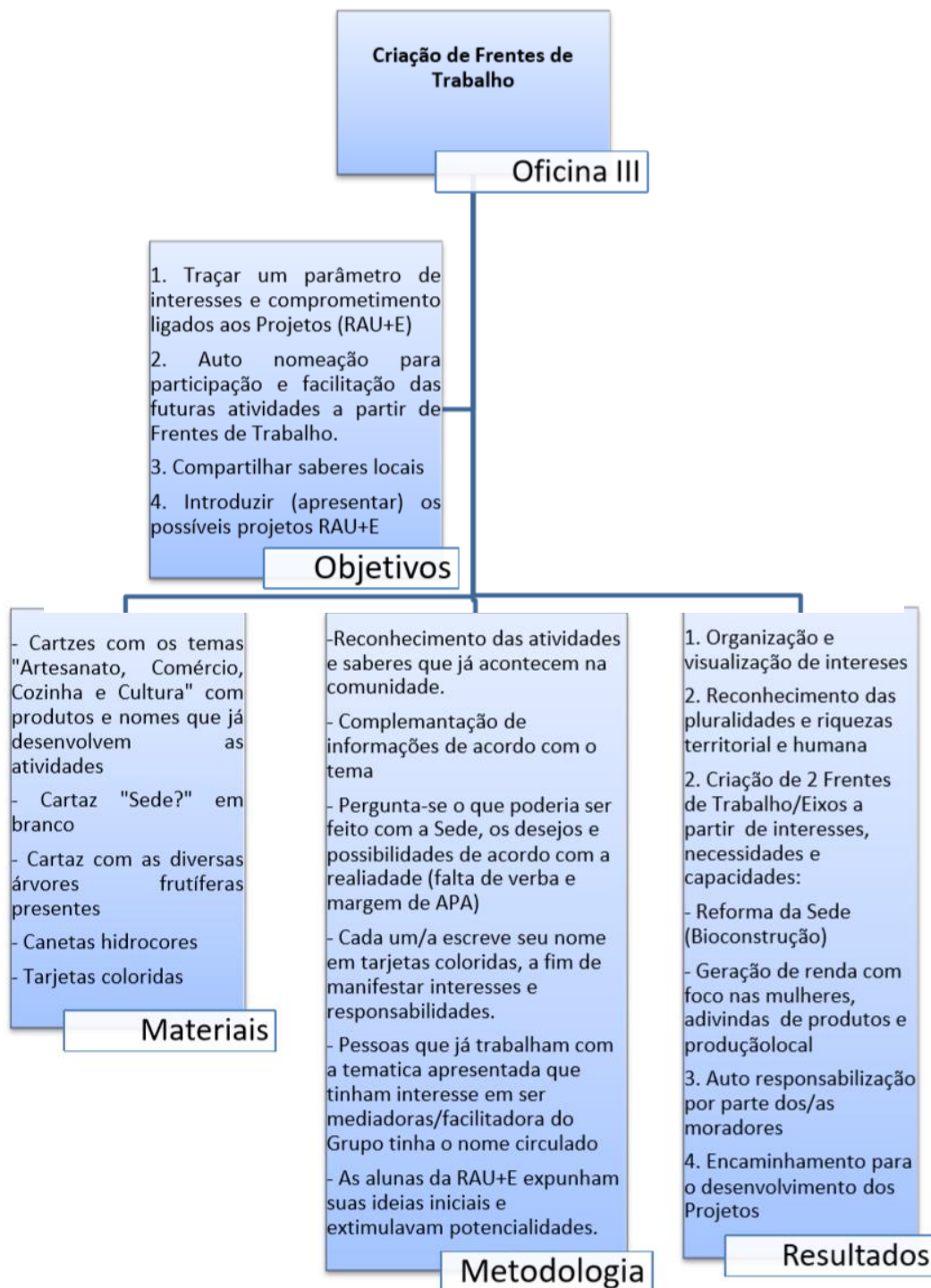


Figura 14: Objetivos, Materiais, Metodologia e Resultados da Oficina Coletiva III

3.4 Transição para a proposta individual

A partir das Frentes de Trabalho “Cozinha” e “Artesanato” com mulheres interessadas e ofícios que praticam, resolvi desenvolver projeto para desenvolvimento socioeconômico, abordando ainda questão ambiental, visto a necessidade de se interagir com o tema e por ocuparem uma área na margem de uma importante APA.

Diversos fatos ocorreram internamente após o fechamento do Diagnóstico. Além de uma dinâmica humana um tanto oculta para nós e certa desarmonia entre os moradores, que já dificultava os trabalhos e planejamentos de ações, um fato realmente grave ocorreu. No mês junho ocorreram dois assassinatos dentre da Ocupação, dois jovens negros, maiores alvos de homicídios no Brasil, foram mortos a tiros dentro da Ocupação após um conflito interno. Eu havia aplicado o Cadastro nas famílias dos rapazes, em uma casa com sua Mãe, e em outra com sua Esposa, foram meninos que conversei informalmente nas portas de suas então residências. Fiquei extremamente mexida, pelas mortes, pelo contexto da comunidade e pelas mulheres que já tinham uma vida extremamente desestruturada, onde uma que perdeu seu Filho e seu Genro e a outra que perdeu seu Marido e também seu Irmão. Exponho tais fatos para que não caiam na banalização ou no esquecimento e também para enfatizar o quanto uma pequena comunidade pode ser extremamente conflituosa e vulnerável. Posteriormente, a Equipe se empenhou em proceder, firme e atenta, conforme a precisão de cada momento, aliado as possibilidades definidas em conjunto (Frentes de Trabalho) durante o fechamento do Diagnóstico.



Figura 15: Criação de Frentes de Trabalho

A retomada das atividades se deu após encontro com as mulheres durante a Marcha do Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha (dia 25 de julho), ocorrida no centro de Salvador. Eu iria por questões pessoais, mais achei potente podermos estar juntas no ato e retomar o contato com as mulheres. Esse encontro foi acordado inicialmente com Rita, outra liderança do MSTB, mais especificamente da Ocupação Paraíso que se localiza próxima ao Quilombo Manoel Faustino (apesar dos moradores não terem muito contato entre si), no momento ela estava mais próxima das atividades da Equipe RAU+E.

No encerramento da Marcha, no Terreiro de Jesus (Pelourinho), instigui uma breve conversa, questionando o real interesse de trabalharmos a questão produtiva e de geração de renda na no Quilombo Manoel Faustino. A resposta das mulheres foi positiva e naquele momento marcamos a data da primeira oficina desse projeto individual.



Figura 16: Mulheres do MSTB em ponto final da Marcha do Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha

4. Projetos específicos, abordagem conceitual e indicação dos diagnósticos complementares, etapas desenvolvidas e oficinas específicas do projeto individual, para implantação efetiva

4.1 Objetivo Geral

Estimular o desenvolvimento socioeconômico, aliado ao desenvolvimento ambiental, no território do Quilombo Manoel Faustino, a partir de ações com as mulheres da Ocupação.

4.2 Objetivos Específicos

- Estimular espaços de compartilhamento de opiniões e conhecimentos entre as mulheres
- Realizar atividades de formação destinadas às questões produtivas com responsabilidade e interação ambiental
- Incentivar ações autônomas no território

4.3 Justificativa do projeto

Entre os meses de agosto a outubro foram realizadas oficinas e ações no Quilombo Manoel Faustino, com trabalhos inicialmente direcionados em consequência dos resultados do Diagnóstico. Cabe ressaltar que claramente sempre esteve aberta a mudanças de propostas, inclusive já as prevendo visto que esse seria o momento que realmente elas se expressariam. Estimulei que as reais demandas e desejos propostos pela Comunidade fossem o foco dessa Assistência Técnica, e assim eu aplicaria meus conhecimentos, como também atuaria em rede de forma a articular possíveis formações para as mulheres, que tanto as solicitavam no momento dos Cadastros. Os caminhos levaram a produção de uma horta e de uma cozinha comunitária. Através de muita mediação e mobilização, trabalhando questões políticas, de gênero, raça, meio ambiente e geração de renda, caminhamos para o início de uma produção autogestionada, agroecológica e coletiva.

4.4 Oficina 1: Possibilidades de Produção e Geração de Renda

No dia 2 de agosto, retornei a Ocupação, com propostas dos dados gerados na Frente de Trabalho, inicialmente com a proposta na geração de renda para as mulheres a

partir do artesanato ou culinária. Levei cartazes com perguntas e indagações sequenciais, para serem refletidas e discutidas conjuntamente e registradas, para oficialização e melhor visualização pelo grupo.



Figura 17: Espaço antes do início da Oficina 1

Para inicialmente instigar reflexões de seus copos, negações, espaços e possibilidades, no caminho do Projeto não se tratar de um conceito neoliberal de Desenvolvimento, como também a possibilidade de trabalho autônomo e coletivo para a geração de renda. Iniciei a oficina perguntado onde elas (mulheres negras e periféricas) estão inseridas no mercado de trabalho. As respostas foram: Doméstica, Faxineira, Recicladora, Feirante e Vendedora Ambulante. Foi muito ressaltado por mim o valor social e grandeza desses trabalhos, mas também questioneei o porquê dessa limitação e houve discussão do quão elas se consideram mão de obra explorada, pouco valorizadas, com oportunidades reduzidas, etc.

Em seguida, um cartaz mais simples para diagnosticar se estavam tendo alguma fonte renda, realizando alguma atividade profissional na Ocupação e vontade de mudança desse quadro, as respostas foram negativas quanto a produção e positivas na vontade de transformação.

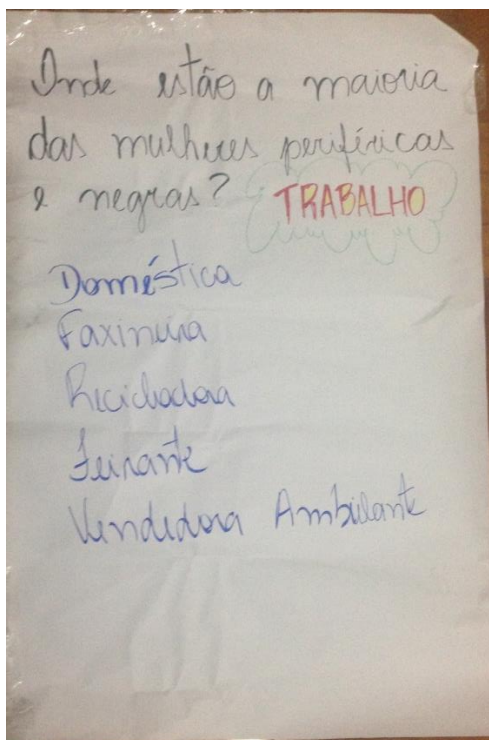


Figura 18: Cartaz 1

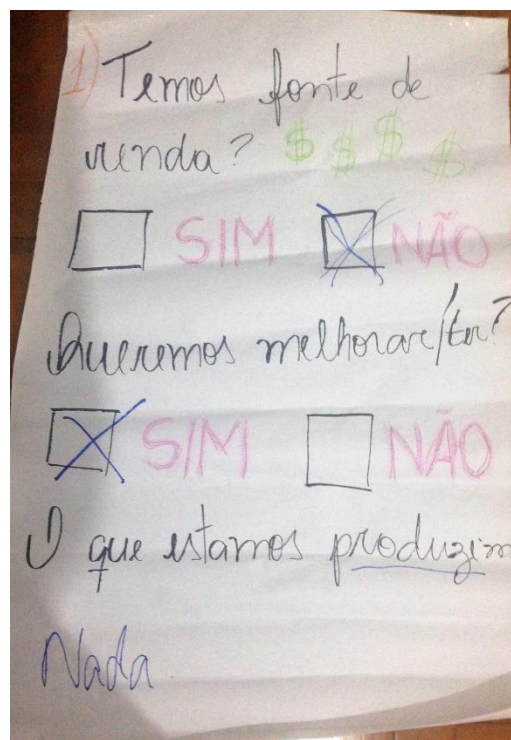


Figura 19: Cartaz 2

Seguindo as duas possibilidades abordadas na Frente de Trabalho, dividi um cartaz (cartaz 3) ao meio para que refletíssemos as possibilidades a partir do Artesanato - desejo abordado por elas - e/ou Uso das Frutas locais - proposta inicial do meu projeto - questionando como cada trabalho poderia ser realizado, o que se faria com cada possibilidade.

No cartaz seguinte (4) segui a mesma lógica do cartaz 3, onde de um lado anotei as respostas do que precisariam materialmente para iniciar um trabalho a partir do Artesanato e do Uso das Frutas locais. Depois das várias necessidades postas por elas para cada proposta, voltamos em cada palavra (material) e elas sugeriram um valor médio para investimento inicial em cada um.

Esse foi um momento muito importante e enfático, chave para os próximos trabalhos, pois além de chegarem a conclusão que artesanato seria inviável no momento pelos custos materiais, a proposta do uso das frutas gerou a manifestação da possibilidade de produção e beneficiamento de verduras também. Como ocorreu desde a etapa do Diagnóstico, foi relatado o grande desejo de uma horta coletiva no território, que já havia sido iniciada em outro momento, porém não prosperou.

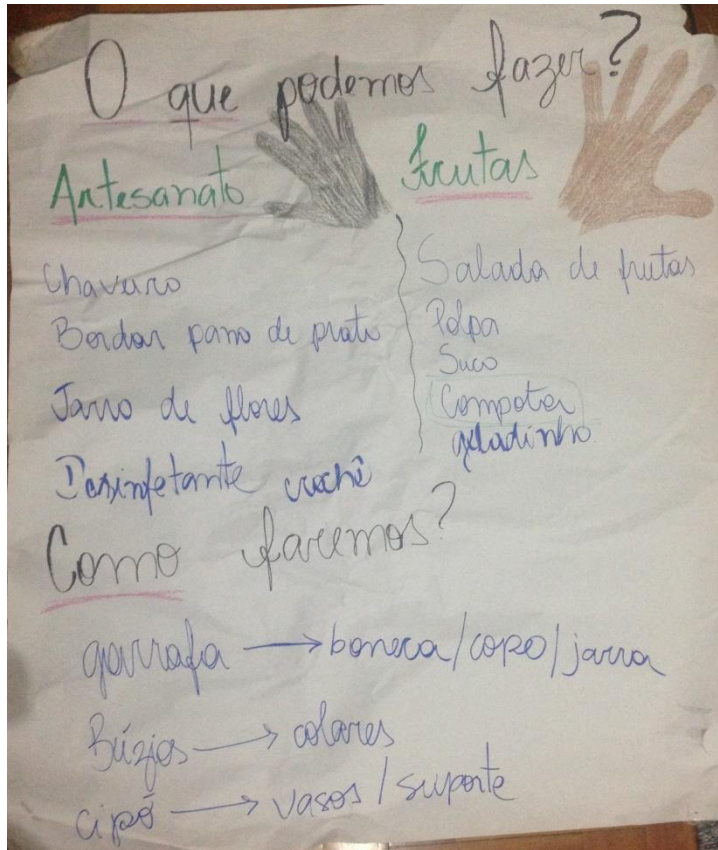


Figura 20: Cartaz 3

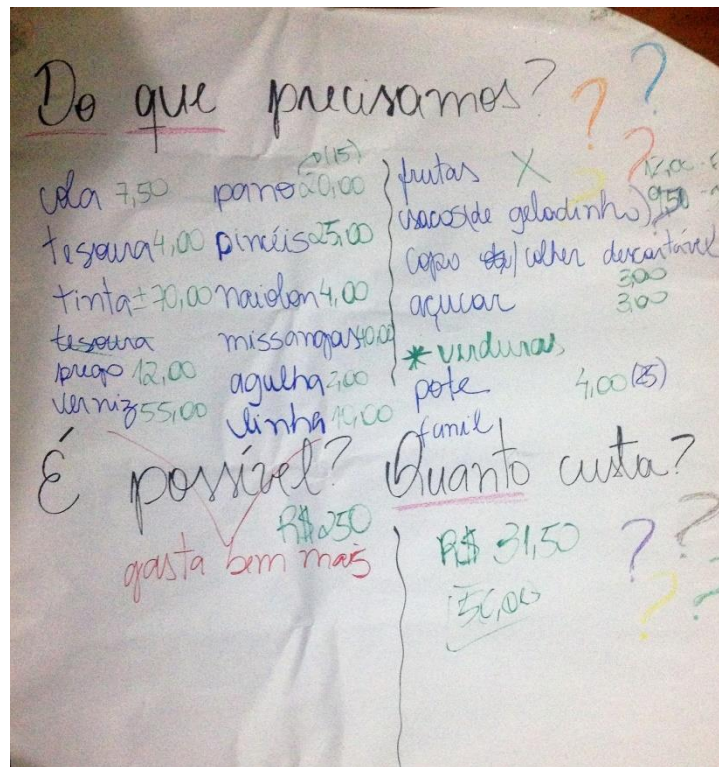


Figura 21: Cartaz 4

Em seguida foi perguntado o que precisariam mobilizar para concretizassem a ideia, tanto de recursos materiais quanto humanos. Também foram questionadas sobre como poderiam fazer para vender os produtos. (cartaz 5) Uma fala muito importante surgiu quanto a necessidade de um espaço pra poderem efetivamente fazer os produtos a partir de frutas e futuras verduras do locais.

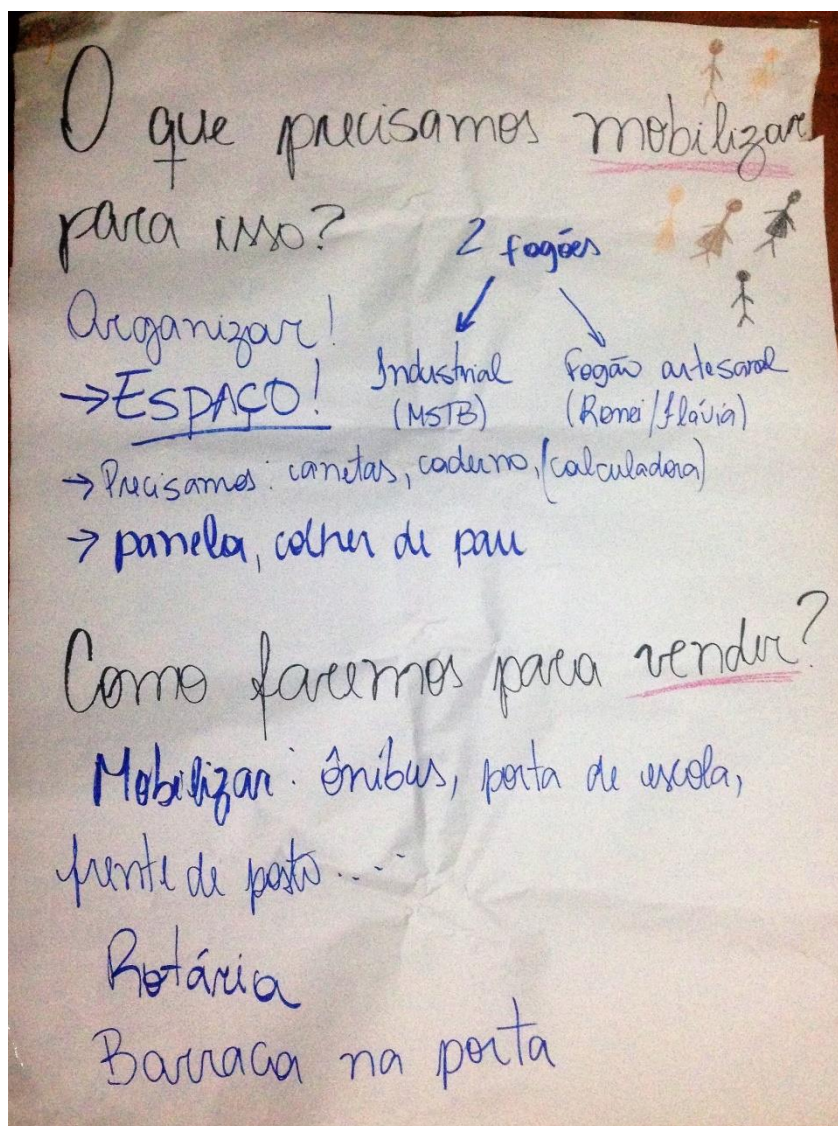


Figura 22: Cartaz 5

A fim de mapear minimamente, porém com maior exatidão, as frutas locais, a sazonalidade de cada uma, o número de árvores frutíferas no território, visualizando assim a qualidade e possível produtividade a partir das frutas, foi-se utilizado o cartaz 6.

Também relataram ervas medicinais e, mais uma vez, o desejo de terem mais espécies e quantidades a partir de uma horta.

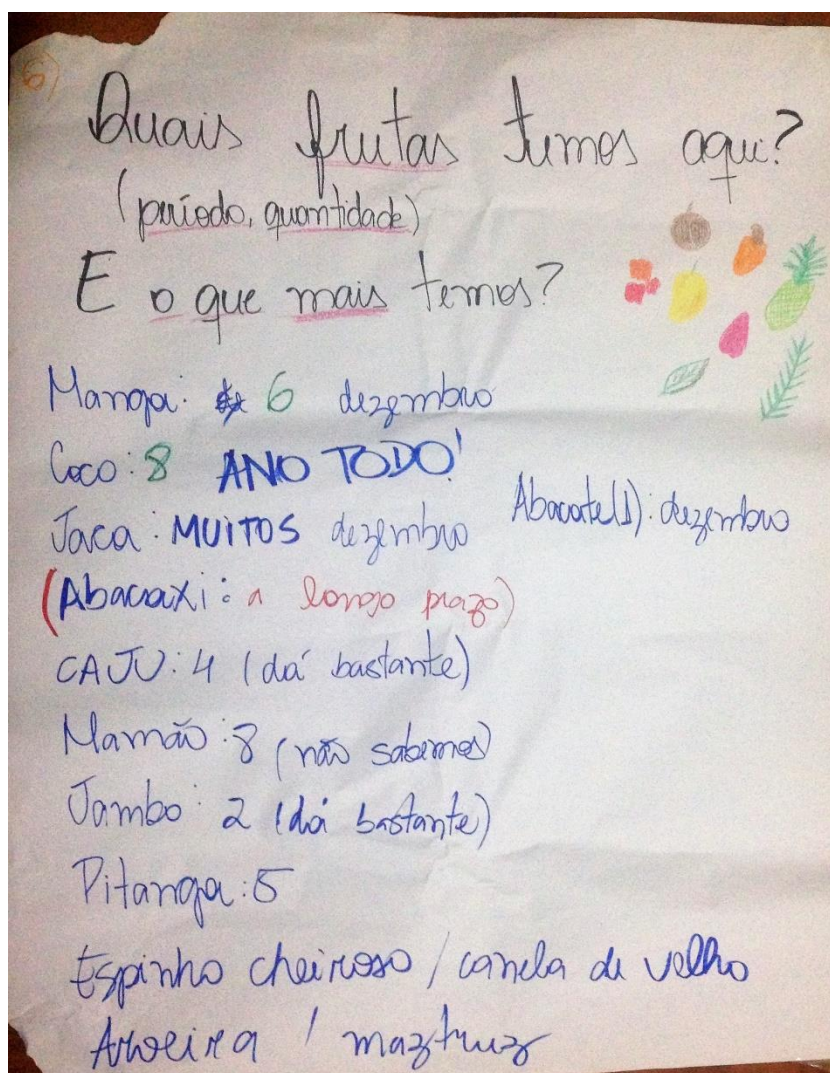


Figura 23: Cartaz 6

Encerramos a Oficina 1 com o cartaz 7, onde eu questionava como poderiam transpor a barreira da falta de recursos e infraestrutura. Numa comunidade conflituosa e desunida (fato detectado pela Equipe RAU+E como também relado frequentemente pelos moradores) a resposta foi uma palavra-chave: Colaboração. Seria necessário o envolvimento e cooperação comunitária para que o desejo se concretizasse. Finalmente questionei por onde poderiam começar, e creio que inspiradas pela real necessidade de colaboração e anseio de transformação, algumas pessoas se dispuseram a fazer doações de algo que tinham que pudesse contribuir para o início e consolidação da futura produção.

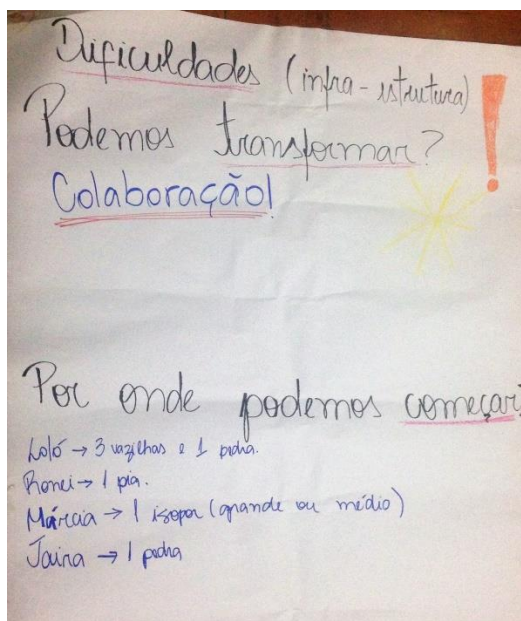


Figura 24: Cartaz 7

Ao final, mostrei pelo celular um pequeno vídeo gravado por mim de mulheres que fazem e expõem seus produtos na Feira da Reforma Agrária da UFBA. Havia variedades de frutas, verduras, doces, geleias, polpas de frutas, compotas doces e salgadas, pimentas em conserva, pestos, bolos, etc. Adquiri alguns desses produtos e levei para apresentar a elas, e com esses sabores e inspiração, encerramos nosso encontro.



Figura 25: Lanche com produtos artesanais



Figura 26: Lanche com produtos artesanais



Figura 27: Oficina 1



Figura 28: Oficina 1



Figura 29: Oficina 1

4.5 Oficina 2: Produção coletiva, autonomia e agroecologia – convidada do MST

Pela minha proximidade com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), ao conversar sobre o trabalho que estava realizando com as mulheres da Ocupação e a região que ela está inserida, Santa³, assentada e militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), me sinalizou que queria colaborar. Santa entende a importância de compartilhar como a produção mudou sua vida e, quanto mais eu narrava as dificuldades locais, mais ela se animava em colaborar.

No dia 23 de agosto chegamos à Ocupação juntas. Santa se entrosou rapidamente com as mulheres. Expor sua relação de luta pela terra e como ingressou no Movimento (inclusive preconceitos iniciais dela mesma), sua criação em meio urbano, a posterior ida para o meio rural e como criou seus filhos nesse contexto.

Depois, tratou de como sua vida tem recém mudado a partir da produção agroecológica. A autonomia financeira conquistada, maior liberdade nas questões domésticas e afetivas, o contato com a terra, as interações nas feiras, assim como os empecilhos no início também.

Discorreu sobre as dificuldades e potencialidades do trabalho coletivo, a importância da agroecologia na saúde da sua família, na preservação ambiental e no valor de mercado (produção e venda). Ensinou também técnicas agroecológicas para combate a pragas e de fertilização do solo que utiliza. Ainda, expos fatos recentes como a gravação de um pequeno filme por entidades externas, o apoio das Universidades (UFBA e UNEB) envolvidas, e o recém-contrato com a prefeitura de seu município para que a produção seja destinada a escola local.

Foram anotadas algumas das técnicas agroecológicas ensinadas para que ficasse na Comunidade. Assim como foi ensinadas melhores materiais para uso e condições ideais de temperatura para feitura do Biogel⁴, além algumas formas de medicina tradicional a partir de ervas que Santa tem conhecimento, etc. Avalio que esse encontro foi muito produtivo. As mulheres da Ocupação se identificaram com a realidade de Santa e, além da aproximação, isso enriqueceu muito o debate e interesses.

³ Sobrenome a ser inserido posteriormente, mediante autorização.

⁴ Técnica agroecológica de adubação do solo a partir de restos de alimentos, cinza do fogão a lenha e outras materiais orgânicos.

Finalmente as mulheres foram para a área externa à Sede para definição de onde seria o espaço ideal para a construção da horta.



Figura 30: Santa do MST conduzindo a Oficina 2



Figura 31: Santa ensinando técnicas agroecológicas enquanto eu as anotava



Figura 32: Oficina 2



Figura 33: Oficina 2



Figura 34: Oficina 2



Figura 35: Oficina 2



Figura 36: Mulheres da Ocupação discutindo o espaço da Horta



Figura 37: Definição da melhor área para a Horta

4.6 Oficina 3: Roda de Conversa - Direito à Cidade, Mulheres Negras, Movimentos Sociais, Meio Ambiente e Cozinha

Pela intensidade de algumas coisas que estavam acontecendo externamente, como o questionamento da permanência da Ocupação por questões ambientais (referentes aos riscos à APA), e outras sendo instigadas internamente em relação à produção, achei que precisávamos de uma conversa, no intuito de amarrar os diversos temas que estavam sendo tratados e compartilhar opiniões. Nesse momento o projeto inicial de reforma da Sede de uma das arquitetas e urbanistas da Equipe RAU+E havia sido recém-trocado pelo da construção de uma cozinha comunitária. Sendo a Sede um espaço complexo para se trabalhar e a demanda por uma cozinha, instigada através das Oficinas, estando cada vez mais pungente, estava posta mais uma Frente de Trabalho que as favorecia diretamente na questão produtiva. Ainda, a Comunidade estava sendo abordada nos discursos do Conselho Gestor da APA enquanto uma ameaça para a mesma. Como também estava tendo conflitos com a Embasa por conta na área da APA⁵

No dia 6 de setembro propus uma Roda de Conversa. Politicamente, partindo do micro (seus corpos) e indo ao marco (cidade), perpassando por diversos temas, inclusive a cozinha e questões ambientais por exemplo. Além de uma conversa repassando algumas coisas, levei cartazes em branco onde escrevia palavras, que por vezes eu complementava o termo ou não, e pedia pra que me falassem o que viesse em suas cabeças a respeito, anotava e depois discutíamos.

Iniciei me apresentando novamente, como também a RAU+E e a Assistência Técnica. Por mais que estivéssemos atuando na área há meses, muitas não compreendiam ou se lembravam de nosso papel, do vínculo com a UFBA, etc. A partir daí perguntei o que isso teria a ver com o que estamos (Equipe RAU+E) fazendo lá, por que a proposta de iniciar uma produção com foco nas mulheres (massivamente mulheres negras), por que a preocupação ambiental, etc.

Escrevi primeiramente “Direito à Cidade” e discutimos um pouco a respeito, do uso que elas consideravam que fazem da cidade, dos serviços, a negação de direitos, entre outros. O que a construção da cozinha e de uma horta teria a ver com isso? Veio a resposta: Demarcar território. Esse dado é muito importante, no entendimento delas – e

⁵ Foi retirada uma área de convivência por exigência da Embasa e o limite entre a ocupação e a área da APA foi cercada pelos próprios moradores recentemente.

que compactuo plenamente - a questão produtiva na Ocupação as ajudava inclusive a se firmar territorialmente na cidade.

Questionei o que é ser mulher negra do Movimento Sem Teto da Bahia nesse contexto que vivem. A resposta foi que elas pelo Movimento aprenderam a se defender e lutar por seus objetivos e direitos, acessavam (in)formações que não tiveram antes. Falaram do Direito de Ocupar. Nesse momento instiguei o que poderia ser, dentro desse direito, ocupar uma área de APA. Explanei que isso é possível e legal, o que consta dentro das APAs, as Áreas de Preservação Permanente (APPs) que não seriam, principalmente devido aos cursos e fontes de água que precisam ser protegidos e reservados. Mas que o uso da APA era possível se fosse “sustentável”⁶. Também anotei a palavra e discutimos a respeito. Assim chegamos ao contexto da agroecologia, que acredito muito enquanto forma de vida e cuidado, e receava em ser tratado apenas de maneira mercadológica. Explanei porque tem sido uma pauta prioritária dos movimentos sociais agrários de luta pela terra, tanto pelo embate fundiário, quanto pela preservação ambiental, soberania, trabalho justo, saúde na mesa, entre outros.

Foi uma conversa leve, apenas para tratarmos os temas desenvolvidos e enfatizar o caráter sociopolítico de desenvolvimento comunitário e inclusão produção na Ocupação, com enfoque nas mulheres. Mais uma vez enfatizei que os homens não estavam excluídos, mas apenas a prioridade no trabalho seria das mulheres sabido que estão na base da pirâmide social, e considerando as dificuldades no mercado de trabalho conciliando com suas vidas pessoais. A oficina foi encerrada com retorno à discussão da Cozinha para que pensassem a importância da cooperação e união das moradoras, não apenas para a sua construção, mas durante toda futura gestão dela.

⁶ O termo pode ser vago e extremamente questionável, não teria como me debruçar nisso e não tenho competência de transformar realidades que considero que realmente impactem a APA, como a ausência de saneamento básico. Foi uma porta de entrada para dialogarmos o que uma produção que respeite o meio ambiente poderia um grande benefício para elas, em questões internas e externas (práticas e políticas), no contexto da produtividade que estava para se iniciar.



Figura 38: Roda de Conversa



Figura 39: Roda de Conversa



Figura 40: Roda de Conversa



Figura 41: Encerramento da Roda de Conversa com o tema da Cozinha

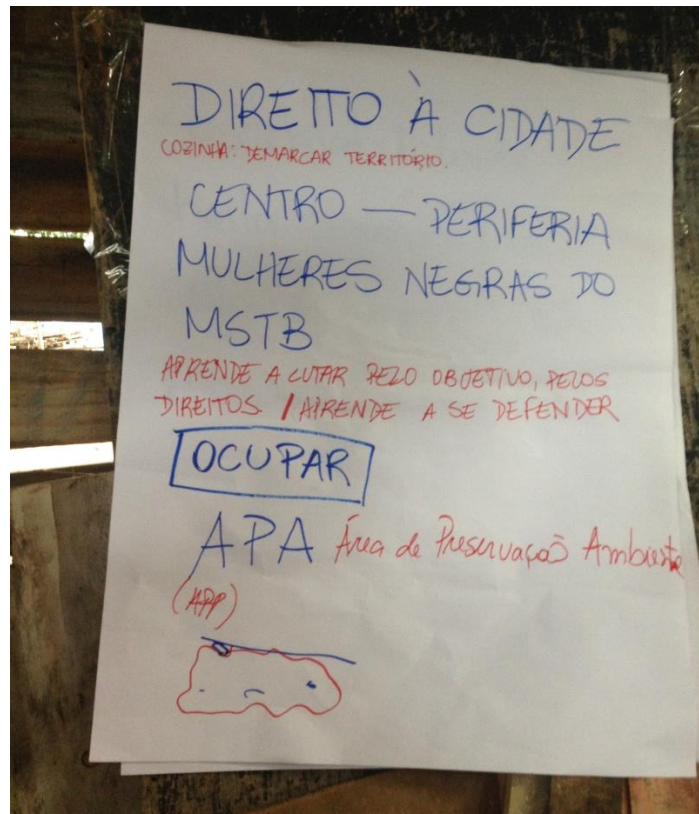


Figura 42: Anotações da Roda de Conversa

4.7 Oficina 4: Apresentação do Projeto da Cozinha + Diálogos e Definições sobre a Horta

No dia 24 de setembro a arquiteta da Equipe responsável pelo projeto da Cozinha, dois convidados profissionais em agroecologia e eu fomos para o Quilombo Manoel Faustino. A arquiteta desenvolveu um projeto para a consolidação da cozinha comunitária com materiais alternativos, visto que essa é a realidade local. O projeto foi apresentado e discutido entre nós, profissionais-residentes e comunidade. Após a análise e aprovação por parte das mulheres, encerramos esse tema sinalizando que agora seria o momento da construção, mas antes iniciariamos a horta.



Figura 43: Discussão do projeto da cozinha apresentado por arquiteta da Equipe

Contatei dois profissionais, um geógrafo e um biólogo, ambos agricultores ecológicos, para conhecimento para nos ajudar nas questões formativas quanto à horta. Nesse dia eles nos acompanharam para conhecer a comunidade e o território, a fim de definirmos data, local e materiais para realização de um mutirão. Foi definido que dali a quatro dias seria realizado o mutirão da horta comunitária.



Figura 44: Diálogos sobre o Mutirão da Horta



Figura 45: Definição do local da Horta e intervenções com os agricultores convidados

4.8 Oficina 5: Mutirão da Horta

Logo após as definições sobre a horta, em 28 de setembro, nós da Equipe RAU+E, o geógrafo Tony José Cruz Vila Nova e o biólogo Marcelo Alexandrino, fomos para a Ocupação fazer o Mutirão de implementação da horta junto à comunidade. Levei uma diversidade de sementes das espécies de verduras e hortaliças que as moradoras solicitaram. Marcelo colheu diferentes amostras de terra no território para demonstrar a diferença entre elas (qualidade para plantio) pela cor, devido a presença/ausência de matéria orgânica no solo e exposição solar. Assim, estimulou mais uma vez a compostagem e palestrou sobre o cuidado com o plantio, as mudas, irrigação, temperatura, as leiras (ou berçários), etc. Após as explicações e demonstrações, plantamos sementes de tomates em recipientes com reuso de materiais recicláveis. Posteriormente fomos à área definida e começamos a cavar e formar leiras (berçários) para futuras mudas e sementes



Figura 46: Material exposto antes do mutirão: sementes e amostras de terra



Figura 47: Explicações sobre plantio



Figura 48: Demonstração de forma correta de plantio de sementes



Figura 49: Plantio de Sementes



Figura 50: Início do Mutirão da Horta



Figura 51: Mutirão da Horta



Figura 52: Mutirão da Horta



Figura 53: Mutirão da Horta

4.9 Oficina 6: Cineclube + Avaliação

Apesar das mulheres estarem prosseguindo com a horta, a liderança desabafou que os momentos de força e desânimo estavam oscilando muito. Considerando que o tema era muito novo para elas e pro contexto urbano, como forma de incentivo e inspiração propus um Cineclube. Mais uma vez o Tonny José me acompanhou para nos auxiliar nos debates, dado sua vasta experiência com agroecologia e educação.

Projetei um curta e duas rápidas reportagens a respeito de agricultura urbana protagonizadas por mulheres moradoras de periferias em diferentes contextos, cada um foi seguido de debate. O curta *Roça na Cidade: agricultura urbana e periurbana no Rio de Janeiro*⁷ aborda diferentes práticas de produção, consumo e venda na cidade. O curta aborda diferentes práticas. Mas o foco do vídeo e de nosso debate foi de mulheres (negras e nordestinas) agricultoras no RJ que iniciaram uma produção agroecológica

⁷ Uma realização da Articulação Nacional de Agroecologia em parceria com o Sistema Único de Saúde (SUS) por intermédio da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) através do ICICT - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnologia em Saúde, *AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia*, Curta Agroecologia e Canal Saúde.

diversa, de forma autônoma, em uma pequena área do conjunto habitacional que residem. Essas mulheres expõem que além de se alimentarem melhor, se desvincularem de empregos onde seu tempo e força de trabalho eram explorados, atingiram sua autonomia financeira a partir da venda dos produtos em pequenas feiras locais.

Em seguida foi projetada a reportagem “Projeto de hortas comunitárias traz alimento e renda extra às famílias” da TV Unesp, disponível na internet pelo YouTube. Onde a descrição do vídeo consta “O Unesp Notícias foi a dois bairros de Bauru para mostrar um projeto que é fonte de renda e de nutrição. São as hortas urbanas de Bauru, fruto de uma parceria entre as secretarias de Agricultura e do Bem-Estar Social. São famílias que viviam em situação de vulnerabilidade e hoje plantam em terrenos dentro da cidade. São espaços pequenos, mas suficientes para ajudar no sustento.”⁸. Os depoimentos das mulheres, que também protagonizavam o trabalho na horta, falavam de melhoria da qualidade de vida, autoestima e renda. Também seguido de debate, as mulheres da Ocupação se identificavam com a realidade e se inspiravam mais.

Logo após, também outra curta reportagem, pelo Momento Ambiental, disponível no Youtube foi exibida. Essa era referente a uma horta comunitária na periferia do Distrito Federal, igualmente protagonizada por mulheres da região. Na descrição do vídeo consta “Frutas e verduras orgânicas plantadas pela própria comunidade! Nesta edição, o Momento Ambiental mostra iniciativas de moradores que criaram hortas comunitárias e beneficiaram toda a vizinhança. Visitamos uma plantação, no Distrito Federal, que já é considerada uma das maiores hortas comunitárias da região e atende várias cidades. Além de gerar produtos fresquinhos e naturais, a horta comunitária também semeia a amizade entre os moradores.”⁹. A geração de renda, o comércio justo (vendem diferentes valores e quantidade, a depender do que o consumidor pode pagar), a relação ambiental e sociabilidade são bastante focados no vídeo. Ele também aborda a importância das relações sociais estabelecidas a partir da produção, tanto entre as mulheres produtoras quanto com a comunidade. É exposto também que parte da produção é destinada a uma creche que atende crianças carentes. Assim, no debate pudemos ampliar os olhares e discussões acerca da relação com a cidade (entorno), meio ambiente (cultura agroecológica), possibilidades de parceiras e escoamento da produção.

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=TdeKbPF0OiA>

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=1OwotiBiOIY>



Figura 54: Cineclube



Figura 55: Cineclube

Ainda, a pedido delas, foi projetado um pequeno tutorial sobre outra maneira (além do Biogel) de fazer compostagem a partir do lixo doméstico. Todas as projeções foram seguidas de debates.

Finalmente, fiz uma rápida avaliação de como estávamos até o momento. Levei três cartazes. Um deles tinha como título que “Que bom!” para que elas dissessem coisas positivas que consideraram que aconteceu na comunidade ao longo do processo. Outro que constava “Que tal?” para que expusessem como poderiam transformar os fatos que não consideram positivos. E um último “E eu?” para uma auto avaliação de cada uma.

As respostas positivas (Que bom!) foram: que de fato começou a produtividade do negócio delas, inicialmente pela horta; mudança de pensamento, agora se sentem mais capazes e com mais expectativas; as mulheres que participam do processo estão mais unidas; nas relações pessoais começaram a se abrir e conversar mais umas com as outras; aumento da força e capacidade de realização; maior esperança de ir para frente.

As respostas sobre o que ainda poderia mudar (Que tal?) foram: definir ao menos um dia na semana para cuidarem das questões produtivas, seja da horta ou da cozinha; que poderiam acordar mais cedo para se juntarem e agirem em prol da proposta; fazer plantio de mudas e mais leiras na horta; fazer uma composteira coletiva.

As respostas sobre a auto avaliação (E eu?) foram diversas: Me sinto mais capaz; Estou comprometida; Quero ver dar certo; Superação; Não estou dando muito de mim, posso fazer mais.



Figura 56: Avaliação



Figura 57: Avaliação

Mais uma vez reforcei que o trabalho de Assistência Técnica ainda continuaria por um período (até o fim do ano, provavelmente) mas que estava sendo finalizado. Portanto a necessidade de agirem autonomamente para o andamento da construção da cozinha e continuidade da horta era essencial, e agora mais urgente visto que a Equipe RAU+E não poderá acessar por mais tempo. Combinamos nossas últimas oficinas seriam de produção, para feitura de algum ou alguns produtos como doces, geléias ou até mesmo pães, quando a cozinha estiver finalizada. Então o foco maior naquele momento seria na construção e finalização da cozinha - e ainda seguindo com os cuidados com a horta.

5. Viabilidade institucional, econômica e financeira

5.1 Possibilidades de parcerias governamentais, institucionais e privadas

O Quilombo Manuel Faustino é extremamente carente e abandonado pelo poder público. Não é uma periferia consolidada. Eu sempre tentei incentivar as mulheres do

Quilombo partindo de reflexões do campo prático e simbólico. Procurei também agir em rede, na tentativa de somar e agregar o que não tinha competência. A inclusão produtiva é uma ideia embrionária que ainda precisará de muita assistência técnica na Ocupação. Tentei parceiras com Incubadora Social do Instituto Federal da Bahia, com o Centro de Economia Solidária (Cesol), com a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), com a Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (SETRE), porém todas sem sucesso, seja pelo desmonte das instituições, seja exatamente pela falta de estrutura e assistência que a Ocupação se encontrava para se iniciar um trabalho. Logo, o estímulo à autonomia e produção coletiva foi um discurso sempre presente nas oficinas que facilitei. Logo, cabe apresentar o que foi feito na Ocupação de forma autônoma, o que ocorreu entre as oficinas, sem a presença das profissionais-residentes. Instigava que não me esperassem para produzir e que utilizassem os conhecimentos trocados durante as oficinas para transformar o espaço e trabalhar em prol do projeto de desenvolvimento socioeconômico, onde eu também instigava outra relação com o meio ambiente. Assim apresentarei o que chamo de “Espaços de Autonomia”, onde moradores/as foram protagonistas de transformações, estimulados pelas oficinas e sem a presença física das profissionais-residentes.

5.2 Espaços de Autonomia

Como afirmado, desde essa Oficina 1 enfatizo a necessidade da Comunidade se organizar e agir por contra própria para o andamento do que havia sido deliberado e/ou aprendido em cada encontro, sem que esperassem o meu retorno. Reforço que ali estou enquanto um instrumento de apoio, uma Assistente Técnica com tempo determinado para atuar ali, mas que o protagonismo é e sempre será delas. Nesse sentido elas precisariam se mover coletivamente e agir em prol da concretização das demandas e ideias discutidas e deliberadas. Logo após essa primeira oficina, as mulheres foram na mata adjacente coletar toras de madeira para iniciar a construção de um espaço que viria a ser a cozinha. Tal fato sinalizou algum primeiro avanço na mobilização interna e investimento/confirmação na autonomia das mulheres. O registro foi feito no encontro seguinte das arquitetas e urbanistas da Equipe na Ocupação para uma discussão do que viria ser um novo projeto de Cozinha Comunitária.



Figura 58: Toras de madeira coletadas após a Oficina 1

Após a Oficina 2, conduzida por Santa e mediada por mim, mais uma vez foi enfatizada a necessidade das mulheres agirem. Elas reservaram uma caixa d'água existente na Ocupação para ser um futuro reservatório de água. Algumas mulheres começaram o trabalho de separar o lixo orgânico para fazer compostagem e aplicaram em seus quintais. Uma moradora fez o Biogel conforme os ensinamentos passados.



Figura 59: Separação de lixo orgânico e Biogel feito por moradora



Figura 60: Moradora mostrando orgulhosa sua feitura de Biogel

Foi definido no final da Oficina 2 que o ideal é que um barraco de morador que raramente aparece e é central (ao lado da Sede) fosse destinado à Cozinha¹⁰. Após a Oficina 2 houve uma Intervenção por parte das arquitetas e urbanistas da Equipe RAU+E “Criando Placas e Nomeando Espaços”, onde ficaram na Ocupação placas e tintas que restaram. A liderança comunitária mais uma vez afirmando a apropriação da ideia em construção, fez uma placa e colocou em frente ao barraco, sinalizando que daquele momento em diante ali seria o espaço da Cozinha das mulheres. A placa alterava o espaço e marcava local, data e novas responsáveis pelo lugar “MSTB Mulheres na Luta 04/09/2018”.

¹⁰ Hoje definido enquanto apoio da Cozinha que está sendo construída ao lado.



Figura 61: Placa na frente de barraco que será usado para a Cozinha

Após a realização do mutirão as mulheres deram prosseguimento aos trabalhos na horta. Além de organizarem limparem e o espaço, fizeram diversos plantios como: mamão, banana, quiabo, pimentão, cebola, pimenta, aipim, hortelã, etc.



Figura 62: Área dias após o Mutirão da Horta



Figura 63: Plantio e organização da Horta

A arquiteta responsável pelo projeto da cozinha e eu fomos à Ocupação posteriormente na tentativa de definirmos um calendário de Mutirões (sem sucesso, pois haviam poucas pessoas), onde mais uma vez reforçamos a necessidade de ação. A

liderança nos mandou fotos do ocorrido no dia seguinte à essa conversa: começaram a preparar o terreno para a construção da Cozinha. Posteriormente fomos (Equipe RAU+E) para um primeiro Mutirão para a construção da Cozinha (ocorrido com sucesso), no qual nos deparamos com sucessivas ações realizadas pela comunidade.



Fotos 62 e 63: Limpeza da área para construção da cozinha



Fotos 66 e 67: Marcação das medidas para construção da cozinha



Foto 68: Estrutura da cozinha construída



Foto 69: Horta cercada com arames e bambus



Foto 70: Horta cercada e plantio de novas espécies



Foto 71: Infraestrutura para irrigação da horta



Foto 72: Mudas de cana-de-açúcar e bambus para darem prosseguimento à horta

6. Cronograma previsto

Como não se trata de um projeto de arquitetura, mas de mobilização para desenvolver um projeto de autogestão comunitária, sendo este extremamente embrionário e a com metodologias pautadas a partir de temas geradores, muito do que acontece em um encontro irá ditar o que ocorrerá no próximo. O fato é que a cozinha está com a estrutura praticamente pronta, a partir de projeto tocado pela arquiteta Carolina Barreto Caldas da Costa da Equipe RAU+E. Agora iremos voltar à temática inicial da produção de alimentos, mas doravante também vinculada à produção da horta. Eu e a chef de cozinha Jéssica Augusta Veloso, que também trabalha com mulheres no Alto das Pombas, iremos, junto às mulheres de Manuel Faustino, traçar estratégias e possibilidades a partir dos recursos agora disponíveis. Há de se considerar a produção na horta, as frutas da estação que estão saudáveis e a possibilidade de arrecadar utensílios domésticos para a cozinha.

7. Referencias bibliográficas

ARAUJO, Bruno Lara de; ARAUJO Denílson Moreira de. **As Ruralidades do Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB)**. II Simpósio Baiano de Geografia Agrária: Entre a teoria e a prática, articulações e resistências, Salvador-Bahia 2017.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada**. Ed. Ática. 9 ed. São Paulo, 2007

MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. 1. Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2015. 112 p. : il.

MIRANDA, Luiz Cezar. **Vizinhos do (in)conformismo: O Movimento dos Sem Teto da Bahia entre a hegemonia e a contra-hegemonia**. Salvador, Bahia. 2008

JOSÉ, Emiliano, Carta Capital, **A revolta dos búzios**, Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-revolta-dos-buzios>> Acessado em: 01 de dezembro de 2018.

HARVEY, David. **O Direito à Cidade**. Tribuna livre da luta de classes. Edição 82. Revista Piauí. Julho de 2013. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-direito-a-cidade/>> Acessado em: 09 de dezembro de 2018.

SOF Sempre Viva Organização Feminista. **Agricultura na Sociedade de Mercado: As Mulheres Dizem Não à Tirania do Livre Comércio**. Ed. SOF. São Paulo. 2006